

Pois bem: há muito de T. S. Eliot nessa pedanteria e esterilidade de sua própria época. É bem de sua índole, por exemplo, envolver-se em especiosas distinções literárias: "Encontramos ocasionalmente tal qualidade em Wordsworth", escreve, "mas é uma qualidade que Wordsworth compartilha mais com Shensstone do que com Collins e Gray. E para desfrutar a justa espécie de deleite que Shensstone nos pode propiciar, devemos ler sua prosa tanto quanto seus versos. Os *Essays on Men and Manners* se inserem na tradição dos grandes aforistas franceses do século XVII e cumpre lê-los com plena consciência de sua relação com Vauvenargues, La Rochefoucauld e (dado o seu âmbito maior) La Bruyère. Faremos bem em ler bastante Teofrasto para entender o tipo de efeito a que La Bruyère visava. (O livro do Professor Fulano-ou-Sicrano sobre o Teofrasto e os *Peripatéticos* dá-nos a chave da atmosfera intelectual em que Teofrasto escreveu e nos habilita a avaliar as influências exercidas sobre sua obra — muito diferentes uma da outra — por Platão e Aristóteles.)" Neste andar (embora eu haja parodiado Eliot), teríamos de ler a totalidade da Literatura para poder apreciar um único livro, e Eliot não nos apresenta a razão por que deveríamos nos dar ao trabalho de fazê-lo. Malgrado isso, no panorama da crítica de seu tempo, Eliot avultou iniludivelmente como um homem ardentemente interessado em Literatura. A real intensidade de seu entusiasmo faz-nos esquecer a afetação de tom, e seu dogmatismo ocasional é redimido pela habilidade de ver para além de suas próprias idéias, pela disposição em admitir o caráter relativo de suas próprias conclusões.

#### IV

Se Eliot, não obstante a produção escassa, se tornou um líder para a sua geração, foi também porque sua carreira tem sido um progresso, porque ele evidentemente tem estado a caminho de algo, ao passo que muitos de seus contemporâneos, mais prolíficos e igualmente bem dotados, fixaram-se no hedonismo ou no desespero. O poeta de *The Waste Land* era sério demais para continuar, com a mesma complacência de alguns de seus contemporâneos, a habitar tão melancólico deserto. Era certo que não se deteria nesse ponto, e ficava-se a cogitar o que iria fazer.

Seu destino, contudo, tornou-se claro, agora. No prefácio da nova edição, de 1928, de *The Sacred Wood*, a poesia é ainda

encarada como "recreação superior", mas Eliot anuncia, de sua parte, "uma expansão ou desenvolvimento de interesses". Sente agora que a poesia tem "algo a ver com a Moral, com a Religião, e mesmo com a Política, embora eu não saiba dizer o quê". Em *For Lancelot Andrewes*, publicado no mesmo ano, ele se declara um classicista em Literatura, um anglo-católico em Religião e um realista em Política; anuncia, outrossim, que tem em preparo "três pequenos livros" tratando de tais assuntos, a serem intitulados, respectivamente, *The School of Donne*, *The Principles of Modern Heresy* e *The Outline of Royalism!*" Segue-se uma parca coletânea de ensaios, que insinuam disfarçadamente o que se pode esperar.

Devemos aguardar a ulterior exposição do novo corpo de doutrina eliotiano para poder discuti-lo adequadamente. Entretanto, só nos resta aplaudir-lhe o desejo de formular uma posição central coerente, ao mesmo tempo em que deplorar talvez o caráter pouco prometededor dos ideais e instituições que ele invoca. Não se pode deixar de reconhecer, nos escritos mais recentes de Eliot, uma espécie de ponto de vista reacionário, que já se estava convertendo em moda entre certo tipo de literatos, ponto de vista que tem muito em comum com o do Neotomismo de França e dos Humanistas dos Estados Unidos. "Se por civilização", escreve Eliot, "entendeis progresso material, asseio, etc. (...) se entendeis coordenação espiritual em nível superior, é de duvidar, então, que a civilização possa subsistir sem religião, e a religião sem uma igreja." Mas dificilmente se poderá ter uma igreja efetiva sem o culto de Cristo como filho de Deus; e não poderá haver semelhante culto sem disposição para aceitar o sobrenatural maior do que aquela que a maioria de nós é capaz de ter. Sentimos, em escritores contemporâneos do tipo de Eliot, um desejo de crer na revelação religiosa, uma crença de que seria boa coisa crer e não crença genuína. A fé do convertido moderno parece queimar apenas com débil chama azulada. "Nossa literatura", fez Eliot, recentemente, um de seus personagens dizer num diálogo, "é um substitutivo da religião, e o mesmo é nossa religião." De tal fé, sem a inspiração da esperança, desaparelhada de zelo ou vigor, que orientação podemos esperar para o futuro?

Não se pode, contudo, pôr em dúvida a realidade da experiência de que Eliot dá testemunho em seus ensaios recentes, conquanto ela nos pareça menos uma conversão ao Catolicismo anglicano do que novo despertar da consciência do filho da Nova Inglaterra, da convicção, nunca exorcizada de todo, da inextirpável iniquidade do Homem. Eliot admira Maquiavel por-